

Mais instável que a Bolívia

(Com todo o respeito ao país vizinho)

ALEXANDRE RIBONDI
Da Editoria de Cultura

Primeiro imbróglio: No dia 3 de abril o diretor executivo da Fundação Cultural do Distrito Federal, o poeta Reynaldo Jardim, entrou em férias e, antes de partir para o seu descanso, chamou os assessores para informar que passava à Chefe de Gabinete, Maria das Graças Cruvinel, "poderes totais, para administrar, admitir e demitir pessoal" e que, como saía de viagem, talvez nem voltasse. A parte final da frase foi dita em tom de gracejo mas houve quem, como a assessora Fernanda Mee, achasse que era verdade, pois ela mesma explica, "Reynaldo diz tudo em tom de brincadeira e acaba fazendo mesmo". Por sua vez, Cruvinel não conta com o apoio da maioria dos assessores da FCDF, que vê nela uma figura sumariamente indesejada.

Segundo imbróglio: No dia 2 de abril, a chefe de gabinete da FCDF fez passar uma circular entre os assessores informando a todos que o estabelecimento tinha um livro de ponto que deveria ser assinado todos os dias e que quem tivesse que se ausentar do prédio devido a outros compromissos deveria avisar com 24 horas de antecedência. E verdade que muitos artistas da cidade já reclamavam, de longa data, que nunca encontravam os assessores dentro da Fundação. E Cruvinel lembrou que acabou descobrindo fatos curiosos, como o funcionário que tinha sessões de psicanálise à tarde, três vezes por semana. E outro funcionário nunca havia sido informado do real horário de funcionamento da FCDF. O assessor de fotografia Juan Pratginesôs lembrou, por sua vez, que obrigou a assinatura do ponto era uma forma velada de demitir pessoas. Cruvinel explica: "Estou apenas preparando o terreno para que as pessoas possam trabalhar. Eu sou o pai que os coloca para trabalhar". E pintou o quadro de maneira freudiana: "O pai é sempre odiado, mas é preciso lembrar que tudo tem dono".

Agora, os fatos: anteontem, os assessores Juan Pratginesôs e Maninho foram demitidos pela chefe de gabinete da Fundação Cultural. O primeiro não apresentou trabalho satisfatório e o segundo "por causa de sua incompetência para ocupar o cargo que tinha", segundo a própria Cruvinel. Mas o que existe hoje, realmente, dentro das altíssimas paredes da FCDF, é um verdadeiro clima de tensão, que provoca um nó onde pouco se trabalha e pouco se produz, à espera de que o atual impasse se desate. Pode ser que a atmosfera reinante seja o resultado natural da própria Capital da República que não tem, por exemplo, até o momento, uma pessoa indicada pa-

ra ocupar o cargo de secretário da Cultura. A secretaria está entregue ao jornalista D'Almeida Jaccoud, que também é secretário do Trabalho do DF e que já declarou que "se for convidado a ocupar a Secretaria da Cultura, vou. Se for convidado para a do Trabalho, também vou". Este ambiente de indefinições parece mesmo propiciar a confusão dos corredores da Fundação; onde tem-se a nítida impressão de se estar dentro de uma panela de pressão pronta a explodir. Para Cruvinel, no entanto, a questão é simples: "Se o país é um caos, eu não sou conivente com ele".

Por outro lado, para acabar com o caos não é preciso criar tensão. A assessora Fernanda Mee explica a situação à sua maneira: "Há uma tensão no ar e não sabemos quais forças estão agindo nem qual o objetivo delas. Não se discutem mais idéias e projetos porque não há espaço". E revelou: "Se alguém for aos jornais criticar a Diretoria Executiva, corre o risco de ser demitido. Assim, a Fundação parece uma pizza dividida em várias fatias que não voltarão mais a ser unidas. Para que haja união, é preciso que se faça outra pizza, com outra massa".

— Quando chegamos à Fundação há dois anos — continua Fernanda Mee — trazidos pelo

Luis Humberto (que foi Diretor-Executivo), sabíamos que o lugar era nosso e que tínhamos que ter idéias próprias. Com a saída de Luis Humberto, o processo de geração de idéias foi cortado. Agora, acontece que o Reynaldo Jardim é mais importante que a Fundação Cultural. Mas eu ainda acho que o mais importante mesmo é gerar uma política cultural e pensar o que o Estado tem que fazer pela cultura. No momento, porém, está impossível discutir isto".

Parece, portanto, que uma boa parte do impasse atual está calcado nos ombros da Chefe de Gabinete, Maria das Graças Cruvinel. Quem concorda com sua capacidade de organização, discorda de sua maneira de tratar as pessoas e o clima de autoritarismo que impõe, como é o caso do assessor Leo Neiva, que diz apenas estar "quieto em seu canto". E verdade que, com o renascimento da necessidade de se assinar diariamente o livro de ponto, os assessores estão lá, no horário. Mas isto não significa que passem a produzir mais. Pelo contrário, podem cruzar os braços. Quanto às demissões, Cruvinel diz ter "a consciência tranquila. Demiti os funcionários com o conhecimento de Reynaldo Jardim e do Secretário de Cultura, pois foi ele quem assinou as demissões. "E finalizou: "Cai na real, meu irmão. Demitir é uma atitude

administrativa como outra qualquer".

Agora, resta saber se a FCDF vai também cair na real. Trata-se de uma instituição que tem que apresentar contas do que faz com o dinheiro público e certos impasses internos não podem durar muito tempo, assim como também não podemos ficar muito tempo se o Secretário de Cultura do Distrito Federal, já que o cargo foi criado pelo próprio governador José Aparecido, que o achava indispensável. O poeta Tetê Catalão, que já ocupou a função atualmente nas mãos de Cruvinel, lembrou, a tempo, que "se a situação ficar insustentável, o Conselho da Fundação pode embargar a atual Diretoria Executiva e pedir explicações do que anda acontecendo". Em outras palavras, o Conselho pode pôr tudo em pratos limpos e pedir que se faça bom uso, com competência, do dinheiro público e que a cultura passe a ser mais importante do que as desavenças entre funcionários e assessores. Muitos deles são a favor de uma política de cultura local, com apoio à produção brasileira. Reynaldo Jardim, por sua vez, diz "pensar grande" e é autor de uma frase que não ficou célebre mas que deveria: "As cidades-satélites fedem". Enquanto isto, a Fundação Cultural dá a impressão de ser um estado boliviano, com a eterna ameaça de golpe no ar.

